Terceira edição do evento debate geopolítica, investimentos no exterior e o papel dos profissionais na construção de carteiras mais diversificadas

O investidor brasileiro já é afetado pelo que acontece no mundo, mesmo quando sua carteira está concentrada no mercado doméstico. Esse foi um dos pontos destacados por Roberto Paris, nosso presidente, na abertura da terceira edição do **ANBIMA Global Insights**, realizado hoje (11), em São Paulo, com mais de 500 participantes. Paris reforçou a importância de uma diversificação responsável e acompanhada de boa assessoria.

A geopolítica entrou na discussão com Oliver Stuenkel, da FGV. Para ele, o Brasil tem a vantagem de estar em uma região de baixo risco geopolítico, mas segue pressionado pela disputa entre as grandes potências. “A estratégia é o multialinhamento”, afirmou, ao defender relações com diferentes polos globais.

Gabriela Santos, da J.P. Morgan Asset Management, destacou as oportunidades geradas pela reorganização dos fluxos de capital e pelos investimentos em inteligência artificial. “Não podemos pensar só no risco, mas também no potencial de retorno. Há ventos a favor no mercado internacional.”

Na carteira do brasileiro, ainda há muito espaço para avançar. Tatiana Itikawa, da Anbima, mostrou que os investimentos no exterior passaram de US$ 30 bilhões em 2015 para US$ 83 bilhões em 2020, mas ressaltou que “há um enorme espaço para crescimento”.

Para Daniel Haddad, da Avenue, antigas barreiras também estão caindo: investir no exterior deixou de ser algo restrito a grandes fortunas. “Nós já nos tornamos consumidores globais. Por que ainda não nos tornamos investidores globais?”, provocou. A diversificação, reforçou, não significa tirar todo o patrimônio do país: a reserva de emergência pode ficar em reais, enquanto parte dos recursos de longo prazo ganha exposição internacional.

A construção dessa carteira exige estratégia. Aquiles Mosca, da BNP Paribas Asset Management Brasil, destacou a importância da qualificação internacional dos profissionais e lembrou que a CPA da Anbima tem equivalência com a EIP (European Investment Practitioner), da EFPA (European Financial Planning Association), ampliando o reconhecimento da certificação brasileira no exterior.

Com mais mercados e produtos disponíveis, selecionar bem ganha ainda mais importância. Para Daniel Celano, da Safra Asset Management, “não basta olhar o produto isoladamente. A pergunta é: que riscos estamos evitando e quais benefícios esse investimento entrega?”

A diversificação também foi destacada por Eric Pan, do ICI (Investement Company Institute). Como é difícil prever quais mercados estarão à frente nos próximos anos, estar exposto a diferentes geografias ajuda o investidor a participar de movimentos de crescimento.

Na outra ponta está quem transforma tudo isso em recomendação. Alessandro Chagas, do Santander, resumiu o desafio como discernimento: transformar a complexidade em uma resposta para a pergunta do cliente: “o que serve para mim?”

Renato Breia, da Nord Investimentos, trouxe o contraste com mercados mais maduros: “Lá fora, os advisors são procurados para diversificar o patrimônio. Aqui, muitas vezes, eles são procurados pelo medo.” Para ele, a tecnologia deve reduzir tarefas operacionais e ampliar o tempo que o profissional passa com o cliente.

IA, agentes e o futuro da indústria

A inteligência artificial dominou o debate sobre o futuro da indústria. Para Brett King, a transformação vai muito além da automação. “A inteligência artificial terá o maior impacto da história. É uma tecnologia com mais consequências do que o fogo e a roda”, afirmou. Na visão do

futurista, agentes de IA estarão cada vez mais presentes nas relações financeiras, mudando a forma como consumimos serviços e tomamos decisões.

Essa transformação deve chegar aos próprios bancos. “A pergunta não é mais se os bancos vão mudar, mas se os bancos de hoje vão chegar à era dos bancos agênticos, o Banco 5.0.”

Andrés Kikuchi, do Nubank, levou a discussão para os investimentos: com a IA processando volumes muito maiores de dados, analistas e advisors ganham espaço para interpretar informações, fazer melhores perguntas e construir portfólios cada vez mais personalizados.

Eric Altafim, do Itaú, trouxe o contraponto: a tecnologia avança mais rápido do que a infraestrutura financeira. Questões como supervisão humana, responsabilidade pelas decisões dos agentes e cibersegurança ainda precisam acompanhar essa transformação.

Fonte: ANBIMA, em 11.11.2026.